



Só o Presidente importa

BELO Horizonte — “Pouco me importa se alguém me machucar, ou passar por cima de mim. Faço, como obrigação e respeito, o que um filho deve fazer pelo pai que morre. Tancredo Neves fez, em vida, por 130 milhões de filhos, tudo que um pai poderia fazer”. Indiferente ao tumulto, Pedro Wilson de Souza, 67 anos, preocupava-se apenas em dar o “último adeus” a Tancredo Neves. Para isso viajou 610 quilômetros de ônibus, desde Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha.

Apesar de trêmula, os dois braços esfolados e o joelho inchado, Vera Maria Couto Zeferino, 36 anos, estava feliz por ter podido ver rapidamente o rosto do Presidente: “Ele está sereno, muito sereno”, descreveu. Ao contrário do marido, que preferiu não sair da base aérea da Pampulha, Vera quis ir ao Palácio, “sem imaginar que seria essa confusão toda”. Ela criticou a “desorganização das autoridades” e depois confessou, aliviada: “Eu não morri porque Deus não quis”.

Assustado ao ver a multidão se comprimindo contra as grades do Palácio, José Baldráia de Souza, 32 anos, viajou 40 quilômetros, desde Lagoa Santa, para ver o corpo do Presidente, mas desistiu temporariamente até que o ambiente se acalmasse: “Não vou entrar nesta praça agora, de maneira alguma.

Mas temos que vê-lo, porque perdemos um grande homem”.

Na opinião de José, a participação dos brasileiros nas solenidades de despedida do Presidente Tancredo Neves é importante, “porque, embora triste, é um movimento cívico fundamental para o Brasil”.

Osório Policarpo da Silva, ex-cabo, foi fundador do destacamento dos bombeiros em Juiz de Fora, 76 anos, acha que “os amigos de Tancredo vão tomar conta do país” e confia, principalmente, em Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves. “Eles ajudarão o Presidente Sarney a não fugir dos compromissos assumidos com o povo”, dizia confiante.

Salomão João, 66 anos, tem, como o Cabo Osório, “muita esperança em Sarney”. Mas ontem, durante a cerimônia fúnebre, Salomão admitia que por alguns momentos perdeu essa esperança: “Ele representava para todos as mudanças que deveriam ter ocorrido há mais tempo”.

Erotildes Bragança, 66 anos, conheceu Tancredo pessoalmente — “ele fez muito por nós, povo sofrido” — preferiu não fazer previsões e entregar a Deus os destinos do país e de José Sarney: “Deus é quem sabe e que o abençoe”.